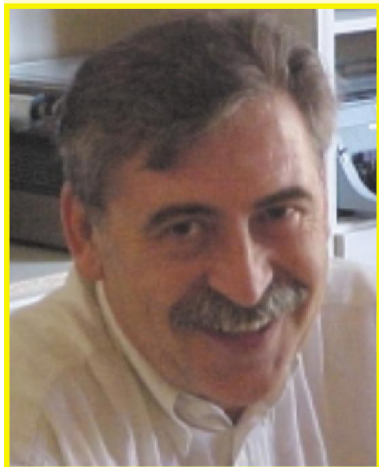


## CÉSAR COLL

# *Pensamento global e atuação local*



*P*resença Pedagógica traz para seus leitores o educador e escritor César Coll, professor de Psicologia Evolutiva e da Educação na Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona. O professor César Coll é um importante pensador, que influenciou de maneira significativa na reforma educativa ocorrida na Espanha, além de figurar como uma presença marcante na reforma educacional brasileira, tendo sido, inclusive, um dos consultores dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Diversos são os livros desse autor, publicados no Brasil, que vêm influenciando educadores espalhados por todo o território nacional.

*O encontro com nosso entrevistado foi marcante, por sua clareza de idéias, receptividade e simpatia. Presença Pedagógica abordou temas relacionados à educação em geral e às reformas educacionais espanhola e brasileira.*

### **PP: Que análise o senhor faz da educação atual?**

**Coll:** A educação atual caracteriza-se por mudanças de protagonismo. Vamos esclarecer melhor: no século XX, a educação escolar ganhou um peso e uma importância que antes não tinha. Saem de cena aqueles que antes influenciavam mais decisivamente na educação das novas gerações: a família, a comunidade do bairro, os colegas e amigos.

É claro que esse novo protagonismo tem aspectos positivos e negativos. O lado positivo é a redução significativa do analfabetismo. E o lado negativo é o fato de que caiu sobre a escola a responsabilidade de ser a gestora de todos os temas educacionais, o que deixa a escola numa situação limite por exemplo, torna-se difícil atuar de maneira significativa e eficaz nos aspectos éticos e que dizem respeito às atitudes em geral.

- Entrevista concedida a Angélica Sátiro, Doutoranda da Universidade de Barcelona.
- Transcrição, tradução e edição de Angélica Sátiro.



*Não acredito nesse processo que alguns têm chamado de desescolarização. Não me parece que a escola vá desaparecer. O que é necessário é que ela seja questionada e que se faça uma nova organização. Não me parece que haja uma solução diferente desta. E isso deve ser compartilhado por todos os agentes educativos envolvidos.*

Por outro lado, a tecnologia, com seu desenvolvimento vertiginoso, ampliou esse problema e agregou algo novo, porque surgem novos cenários e novos agentes que disputam e competem pelo espaço educacional. Com isso, a escola foi perdendo o peso que havia adquirido, gerando uma redefinição de papéis dos diferentes agentes educativos neste século XXI.

**PP: O senhor está afirmando que a escola tende a desaparecer frente ao avanço tecnológico? Os cursos a distância através de computadores podem substituir a sala de aula, por exemplo?**

**Coll:** Não acredito nesse processo que alguns têm chamado de desescolarização. Não me parece que a escola vá desaparecer. O que é necessário é que ela seja questionada e que se faça uma nova organização. Não me parece que haja uma solução diferente desta. E isso deve ser compartilhado por todos os agentes educativos envolvidos.

**PP: Poderia nos explicar melhor como deveria ser essa nova organização?**

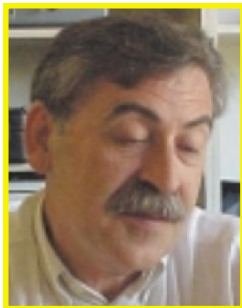
**Coll:** Vejamos: Quem são os agentes educativos que atualmente exercem influência na educação dos jovens e crianças? Os meios de comunicação (com destaque para a televisão), os sindicatos, as ONGs, os órgãos públicos que administram as escolas. São esses agentes que têm que pactuar, de tal forma que

gerem compromissos e acordos de território. Será necessário organizar a descentralização, transferindo competências a cada um deles. É claro que não achamos que isso possa ser realizado em nível macroestrutural. Esse compromisso tem que feito no entorno imediato, que deve ser o responsável direto pelo impacto educativo nos alunos. Uma questão importante é que cada um desses agentes precisará se perguntar como pode contribuir para a educação das novas gerações.

Creio que estamos num beco sem saída, e se não buscarmos algo assim, estaremos novamente propondo meros paliativos e engodos.

Não sei se no Brasil está ocorrendo isso, mas o que vemos são jovens que, além de não saberem Matemática, nem saberem ler ou escrever, não sabem se comportar de maneira sadia, além de estarem desde muito cedo envolvidos com bebidas alcoólicas. E a responsabilidade disso é de quem? Da escola? Isso não se pode aceitar! É uma frustração impossível de ser transformada. Daí a necessidade desse envolvimento mais global da sociedade: cada um que se ocupe de algo específico em seus respectivos cenários. A escola deve ficar somente com a cota que lhe caiba e que lhe permita atuar.

**PP: O que o senhor propõe se parece com uma idéia que faz parte da linguagem do domínio empresarial: pensar globalmente e agir localmente.**



*As comunidades de aprendizagem referem-se à mudança metodológica. Mudança de perspectiva quanto ao ensinar e ao aprender. Considera-se nessa perspectiva que os agentes educadores são múltiplos, portanto, todos dentro da escola fazem parte dessa comunidade de aprendizagem. E todo o entorno da escola também faz parte dela.*

**Coll:** Creio que agir localmente é a única forma eficaz de realizar as mudanças, uma vez que é uma atuação onde está a "coisa concreta", no local onde realmente estão as necessidades. Se não é assim, é apenas discurso! A cidade tem que assumir a discussão global, é preciso que o coletivo compartilhe o problema e busque os recursos. Mas os acordos e pactos cooperativos precisam ocorrer nos locais onde as ações vão acontecer. Nos locais onde as pessoas crescem é que as coisas ocorrem, e isso deve estar claro para todos.

A coisa vai mal, mas sempre pode piorar, porque a degradação não tem limite. A organização escolar tradicional chegou ao limite e nenhuma reforma pode resultar em mudanças realmente significativas.

Sabemos que atualmente existem iniciativas interessantes, como o projeto cidades educadoras e todo o trabalho ao redor das comunidade de aprendizagem. São experiências ilhadas, mas um dia quem sabe acordaremos e veremos que se generalizaram?

**PP: Vamos torcer para que isso ocorra! O senhor poderia explicar algo mais sobre estas experiências ilhadas?**

**Coll:** As comunidades de aprendizagem referem-se à mudança metodológica. Mudança de perspectiva quanto ao ensinar e ao aprender. Considera-se nessa perspectiva que os agentes educadores são múltiplos, portanto todos den-

tro da escola fazem parte dessa comunidade de aprendizagem. E todo o entorno da escola também faz parte dela. Isso significa que há que se perguntar o que podemos fazer entre todos para educarmos as novas gerações.

Quanto ao movimento cidades educadoras, foi lançado em Barcelona, há mais de 10 anos, numa iniciativa da prefeitura municipal. Hoje, existem inúmeras cidades latino-americanas, inclusive brasileiras, que fazem parte desse movimento. Seguramente, é algo que interessa aos educadores brasileiros que não o conhecem.

De todas as formas, vale ressaltar que é assim que ocorrem as mudanças realmente significativas. Vão surgindo inúmeras experiências pequenas que funcionam, as idéias circulam e um dia a gente se dá conta de que o sonho virou realidade.

**PP: Poderíamos voltar à questão da evolução tecnológica e de sua atuação como agente educativo?**

**Coll:** A evolução da tecnologia gerou uma revolução na comunicação e isso causou impactos na educação. Para a escola ficou a questão: o que ensinar? Não podemos mudar o fato de que a escola é a fonte de transmissão e de legitimação do conhecimento. Mas a informação, diante do avanço tecnológico, não precisa da escola para se legitimar e ser transmitida. Portanto, a escola como centro difusor de informa-



*Na verdade, uma grande questão que fica para a escola é manter o acesso ao conhecimento, e não apenas o consumo da informação que esse avanço tecnológico proporciona. Acredito na importância da escola e do educador. Diante desse universo informativo, as novas gerações precisam de guias, pessoas com critério, que possam mediar o peso dos meios de informação.*

ções está em crise. Diante disso, restam para ela questões como: Quais são os saberes que somente a escola pode oferecer? Como distinguir meras informações de conhecimento? Como sobreviver a esse excesso de informação que o avanço tecnológico nos proporciona? Como distinguir a boa informação do lixo informativo?

Na verdade, uma grande questão que fica para a escola é manter o acesso ao conhecimento, e não apenas o consumo da informação que esse avanço tecnológico proporciona. Acredito na importância da escola e do educador. Diante desse universo informativo, as novas gerações precisam de guias, pessoas com critério, que possam mediar o peso dos meios de informação. O educador passa a ser um mediador de mediadores. Isso é futurologia, mas não está muito distante.

**PP: Poderia falar sobre a reforma educacional ocorrida na Espanha?**

**Coll:** Uma reforma tem sentido em função de seus objetivos, portanto não podemos fazer alguma análise ou avaliação sem considerá-los.

Nos anos 80, chamava-se reforma educativa o que hoje é chamado de sistema educativo. E qual era o objetivo daquela reforma? Realizar uma mudança necessária. Tínhamos uma lei que vinha de 1857, que sofreu pequenas alterações nos anos 70. Ou seja, passamos todos esses anos sem mudança ou

adaptação aos novos tempos. A lei dos anos 70 ocorreu sob a ditadura de Franco, ou seja, tampouco foi possível realizar algo que fosse realmente significativo. Nessa lei, educação infantil não estava incluída, não se ampliava nada nem se diversificava o ensino com cursos profissionalizantes, por exemplo. Os conteúdos propostos estavam contaminados ideologicamente pela ditadura, e sua abordagem estava defasada com relação aos demais países europeus. Nos anos 60, com relação a essas questões, outros países da Europa estavam muito além do estágio no qual se encontrava a Espanha.

Portanto, o objetivo primeiro da reforma educacional espanhola tinha a ver com recuperação do atraso histórico de quase 100 anos. Era uma reforma que olhava para o passado e não para o futuro, uma vez que era essa a necessidade do momento. A única coisa que pretendia era colocar a educação espanhola no mesmo nível que a dos demais países e nada mais.

**PP: Sabe-se que os profissionais do ciclo que vai dos 12 aos 18 anos têm tido muitos problemas com o novo sistema educativo. Como o senhor vê essa questão?**

**Coll:** O problema ocorre não somente na Espanha. Vários países, como França, Inglaterra e Alemanha, vivem o mesmo limite. Por isso creio que necessitamos dar um salto na con-



*Creio que necessitamos dar um salto na concepção do que chamamos de serviço educativo. Claro que temos problemas, temos um modelo de escola do século XIX. Como continuar com isso se estamos no século XXI? Já conseguimos mudar muito, mas ainda não mudamos tudo o que é necessário.*

cepção do que chamamos de serviço educativo. Claro que temos problemas, temos um modelo de escola do século XIX. Como continuar com isso se estamos no século XXI? Já conseguimos mudar muito, mas ainda não mudamos tudo o que é necessário. Um bom exemplo do aspecto positivo dessas mudanças é que hoje na Espanha podemos apostar na escolarização de quase 100% da população até os 18 anos.

**PP: Com certeza isso é um grande sucesso. Seria fantástico se pudéssemos viver essa realidade no Brasil de hoje! Mas, fica no ar a pergunta sobre a qualidade dessa escolarização e sobre os fracassos com os quais a escola tem que conviver cotidianamente no que se refere à formação ética das crianças e dos jovens. O que o senhor tem a dizer sobre isso?**

**Coll:** A primeira coisa que me pergunto é se o fracasso é escolar ou social. A marginalidade é igual ou superior à quantidade de crianças que fracassam na escola? Pode-se pedir à escola que responda sozinha à questão do fracasso social? Parece-me que não, esse não é um problema somente da escola... E não é um problema somente da Espanha; o mesmo ocorre em outros países.

**PP: O senhor poderia continuar a avaliação da reforma sob a perspectiva de seus objetivos?**

**Coll:** Penso que há um êxito conceitual, ou seja, as reclamações que ouvimos são de pessoas que abraçaram a idéia. De maneira geral percebe-se que os educadores não estão contra os princípios da reforma. Os problemas encontram-se na gestão dos recursos para operacionalizar essas idéias e princípios. Basicamente os problemas são econômicos e referentes à formação dos professores, sendo este último crucial para o sucesso real da proposta. Até hoje não se mudou nada na formação dos educadores, ainda que haja uma lei que proponha isso.

Vejamos o que estamos chamando de êxito conceitual, por exemplo. Ninguém está contra a idéia de que os conteúdos sejam também funcionais, e não apenas informativos. Todos concordam, de maneira geral que, além de saber, há que saber fazer e saber estar. A ênfase na questão da autonomia tampouco é contestada. E ter a atenção à diversidade como eixo básico é uma idéia que, ainda que seja difícil de ser operacionalizada, é entendida como essencial para o mundo de hoje. Também é aceita a idéia de que os centros educativos tenham seus projetos e organizem suas bagagens pedagógicas. Essas idéias são referências básicas hoje, as discussões ocorrem em torno delas.

O princípio mais complexo tem sido o da inclusão. Em torno dele têm ocorrido muitas controvérsias, principalmente porque muitos educadores



*No nível da prática, estou certo de que estamos longe do que pode ser. Mas não se deve deixar de valorizar todo o esforço que já foi realizado pela maioria dos centros educativos, que têm sido criativos ao buscar respostas às suas dificuldades didáticas e pedagógicas. O que tenho visto é um bom exercício de inteligência!*

pensam que as diferenças não devem estar juntas. Acreditam que alunos com diferenças muito grandes entre si devem ser separados e não podem partilhar o mesmo espaço de aula. Eu sou totalmente contra esta idéia, que somente colabora com a segregação de grupos e a formação de guetos. Segregar diferenças não proporciona evolução, ainda que possa parecer que sim. Creio que a evolução histórica da humanidade somente ocorreu quando houve mestiçagem. Esse tema dá um bom debate ideológico!

**PP: Os meios de comunicação têm veiculado diversas críticas ao sistema educativo público espanhol. O que o senhor acha dessas críticas?**

**Coll:** Quem lê os jornais deve pensar que está ocorrendo uma catástrofe! Essa tem sido uma imagem veiculada. Mas alguém que queira ir além dessa superficialidade, ao visitar um centro educativo, poderá ver que muitos desses queixosos fazem maravilhas! Reclamam porque têm problemas com a própria formação para atender aos novos desafios, reclamam da falta de apoio e de dinheiro. Mas não deixam de realizar um trabalho admirável, ainda que suas condições não estejam boas.

No nível da prática, estou certo de que estamos longe do que pode ser. Mas não se deve deixar de valorizar todo o esforço que já foi realizado pela maio-

ria dos centros educativos, que têm sido criativos ao buscar respostas às suas dificuldades didáticas e pedagógicas. O que tenho visto é um bom exercício de inteligência!

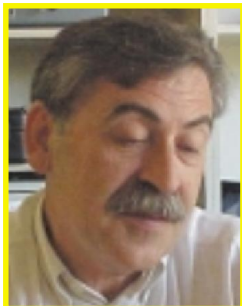
**PP: O senhor diria que o professor é um "profissional da queixa"? Afinal, em geral, estamos sempre reclamando de algo...**

**Coll:** É difícil encontrar outro profissional que fale tão mal de sua profissão quanto nós, os educadores. Professores universitários e secundários o fazem de forma contundente. Quanto aos professores primários, não tenho muita referência, mas me parece que também fazem o mesmo.

Médicos e arquitetos, por exemplo, não se autocriticam, criticam as demais profissões. Somos os piores propagandistas de nós mesmos.

**PP: E qual seria a razão disso?**

**Coll:** Porque a imagem social, historicamente, tem sido essa: passa-se fome como professor. Antes, "passávamos fome, mas éramos mais respeitados", éramos poucos e tínhamos acesso a uma riqueza especial: a cultura. Mas, hoje, o acesso à cultura já não é tão valorizado quanto antes e já somos muitos. Na cidade onde nasci existiam 20 professores, hoje somos 500. Esse fato gera uma mudança de valor. A massificação de uma profissão interfere no seu



**É difícil encontrar outro profissional que fale tão mal de sua profissão quanto nós, os educadores. Professores universitários e secundários o fazem de forma contundente. Quanto aos professores primários, não tenho muita referência, mas me parece que também fazem o mesmo. Somos os piores propagandistas de nós mesmos.**

prestígio social. Assim, socialmente, somos menos importantes. Fato paradoxal, porque perdemos prestígio justamente quando conseguimos universalizar a cultura.

Mas essa não é uma questão de política educacional localizada. Isso é universal, ocorre inclusive em países muito diferentes dos nossos, tais como China, Japão e E.U.A.

**PP: E a reforma educacional brasileira? O que o senhor tem a dizer sobre ela?**

**Coll:** Eu colaborei com os PCNs, em sua estrutura, forma e conteúdo. Mas, atualmente, não sei mais o que os jornais publicam sobre o assunto.

Gosto muito mais dos PCNs brasileiros do que do nosso DCB (Diseño Curricular Básico), principalmente porque não são obrigatórios, são referenciais para as escolas que podem escolher segundo suas diferenças e peculiaridades. A idéia de um currículo referencial para servir de guia é muito mais rica do que a nossa obrigatoriedade curricular.

Um currículo sempre pode ser melhorado, pois é algo permanentemente conflitivo. Isso porque reflete uma seleção dentro de um conjunto vasto de conhecimentos sobre o que se pensa que um cidadão deve saber. Mas, quem decide isso? Com certeza, ter critérios claros que justifiquem a seleção

colabora na sua crítica; afinal sempre podemos melhorar as respostas concretas. Creio que isso é honesto e transparente, uma vez que um currículo é claramente uma opção de seleção.

Tenho uma boa lembrança dos PCNs! Do ponto de vista técnico são muito bem-feitos. Mas, quanto à sua aplicação e suas dificuldades práticas, nada sei além do que dizem os meios de comunicação...

**PP: O senhor gostaria de deixar alguma mensagem para nossos leitores?**

**Coll:** Ser educador é o maior prazer que pode existir. Com o uso da razão e da palavra, desenvolvemos a capacidade de conduzir e orientar o outro. E isso é lindo! Mas, é claro que não falo de manipulações como as que faz o *marketing*, nem falo de autoritarismos. Falo do privilégio de poder usar a razão e não a força para colaborar nas necessárias mudanças sociais. Falo da responsabilidade frente ao poder de influenciar o outro através do discurso. Que nossos leitores reflitam sobre esse poder.

*Presença Pedagógica* agradece a disponibilidade e a simpatia desse importante educador, que se dispôs a compartilhar conosco suas reflexões atuais em torno dos temas tratados. Esperamos que nossos leitores se animem com os estímulos enviados por ele! ●